



TRADUZINDO O CONTO “EL CAZADOR DE ORQUÍDEAS”, DE ROBERTO ARLT *

ALINE ALMEIDA DUVOISIN¹; JULIANA STEIL²

¹ Universidade Federal de Pelotas – aliduvoisin@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – julianasteil@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta o resultado da pesquisa que originou uma tradução comentada, em vias de publicação, de “El cazador de orquídeas”, um dos contos escritos pelo argentino Roberto Arlt a partir de uma viagem realizada pelos continentes africano e asiático nos anos 1930. Depois de ter sido publicado na imprensa da época, este conto integrou o livro *El criador de gorilas*, editado em 1969 pela Compañía General Fabril Editora – edição na qual a pesquisa se baseou.

A tradução pode ser vista como um processo de reescrita, quer dizer, uma espécie de manipulação da “[...] literatura para que ela funcione dentro de uma sociedade determinada e de uma forma determinada” (LEFEVERE, 2007, p. 11). A proposta aqui discutida envolveu, então, reescrever um conto, originalmente escrito em espanhol e voltado para um público argentino dos anos 1930, de modo que ele funcionasse em língua portuguesa no contexto da literatura brasileira contemporânea.

2. METODOLOGIA

A primeira fase da pesquisa consistiu em estudar material crítico sobre o autor e sua obra. Foi importante também levantar o histórico de traduções das narrativas arltianas para o português brasileiro. Tais procedimentos visaram a compreender a maneira como as obras e as traduções de Arlt se relacionam com a tradição literária, o que contribuiu com a escolha de estratégias tradutórias durante o processo de tradução de “El cazador de orquídeas”.

Para definir as estratégias, foram consideradas ainda, de acordo com o que propõem Williams & Chesterman (2002), as características sintáticas, semânticas e estilísticas do conto, bem como seu gênero textual, seu propósito comunicativo, seu público-alvo e sua função. Nesse sentido, o conto foi analisado não apenas antes do início da tradução propriamente dita, mas durante todo o processo de reescrita e também depois dele. Assim, foi possível explicitar as reflexões desenvolvidas e justificar as decisões tomadas dentro do contexto do projeto de tradução proposto.

Com base em Britto (2012, p. 54), o referido projeto procurou reproduzir ao máximo, no texto-meta, a literariedade existente no texto-fonte, mas mantendo sempre a consciência de que, no limite, é impossível atingir esse objetivo. Tendo isso em mente, foram elencadas as características mais importantes do conto e, em seguida, se realizou a avaliação de quais poderiam ser recriadas através do processo de tradução.

A análise empreendida mostrou que as características que se destacam no texto-fonte são: personagens estereotipados e animalizados, ironia, construções sintáticas inusuais e coloquialidade. Como os comentários de uma tradução literária

* Nossos agradecimentos à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul pela bolsa (PROBIC/FAPERGS) concedida para a realização do estudo que deu origem a este trabalho



não podem levar em conta todos os aspectos do texto a ser traduzido, como aponta Torres (2017), os comentários à tradução de “El cazador de orquídeas” concentraram-se nas marcas de oralidade. Essa escolha se deve a que essas marcas se relacionam com o modelo literário adotado e ressaltam diferenças entre as personagens orientais e ocidentais do conto no que diz respeito à coloquialidade.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Paul Jordan (2007) observou que a valorização da obra arltiana se deu tardiamente – após a morte do escritor, em 1942. Isso ocorreu porque suas narrativas contrastavam com as características temáticas e estilísticas predominantes na literatura argentina da época em que foram publicadas. Suas histórias e suas personagens se vinculavam ao ambiente urbano, enquanto grande parte dos autores argentinos ainda explorava o cenário rural. A linguagem que materializava as narrativas de Arlt também não se adequava ao modelo literário então vigente, aproximando-se da oralidade e se afastando da erudição (PINTO, 2018; KULIKOWSKI, 2000).

A maioria das traduções das narrativas de Arlt para o português brasileiro ocorreu a partir do final da década de 1990 e, pelo que foi possível verificar, tendem à estrangeirização. Parte de sua obra até hoje não foi traduzida para esta língua, incluindo quase todos os contos publicados no livro *El criador de gorilas*. “El cazador de orquídeas”, aparentemente, é um deles.

A coloquialidade, que permeia toda a obra de Arlt, se ajusta aqui a modelos literários ligados a histórias orais, como a literatura de aventura e os contos populares (GNUTZMANN, 2007; SWINBURN; 2008). Esses modelos coincidem com referências que aparecem em outras narrativas do autor, como a literatura de Júlio Verne, Pierre Alexis Ponson du Terrail, Emilio Salgari, Rudyard Kipling, Thomas Edward Lawrence e Rafael de Nogales Méndez (GNUTZMANN, 2007).

Dessa forma, os contos que integram *El criador de gorilas* têm uma estrutura narrativa linear e previsível, mas cujo final costuma ser inusitado. Além disso, em muitos deles, as ações de algumas personagens passam por um julgamento. Estas características são percebidas também em “El cazador de orquídeas”.

O narrador do conto é Tony, que encontra seu primo Guillermo Emilio por acaso em Madagascar e acaba se envolvendo numa aventura em busca da orquídea negra. Guillermo soube da existência dessa rara flor através de Agib, sobrinho de Taman. Num encontro com ambos, Tony e Guillermo são avisados sobre os perigos de tentar capturar a orquídea, mas não lhes dão ouvidos. Acompanhados de malgaxes e de Agib, partem em busca da flor. As advertências dos orientais se cumprem e Guillermo sofre as consequências de seus atos.

Vale ressaltar que a maioria dos autores das obras pertencentes a esses modelos que foram referenciados nas narrativas arltianas são ocidentais – o que parece gerar uma visão um tanto estereotipada da cultura oriental. No caso de “El cazador de orquídeas”, isso se soma ao fato de o narrador ser ocidental. Por causa disso, talvez, a linguagem empregada por Arlt no conto resulta numa espécie de contraste entre a visão de mundo oriental e a visão de mundo ocidental, contraste que se percebe em efeitos de oralidade presentes no conto.

Esse contraste, bem como o ritmo inspirado nesses modelos literários, foi recriado no texto-meta através de marcas de oralidade fonéticas, lexicais e morfossintáticas, a partir da discussão desenvolvida por Britto (2012).

Marcas de oralidade fonéticas foram utilizadas para destacar aspectos que faziam com que a obra de Arlt destoasse da literatura hegemônica na sua época.



A sonoridade de suas narrativas poderia ser considerada desagradável se avaliada tomando a escrita padrão como referência. No caso de “El cazador de orquídeas”, essa sonoridade aparece em vícios de linguagem como hiatos, colisões e ecos – que apareceram principalmente nos trechos narrados e foram mantidos na tradução desde que não comprometessem o sentido do texto-fonte e particularidades da língua portuguesa.

As marcas lexicais de oralidade aparecem no texto-fonte em vocábulos oriundos do *lunfardo* e do *cocoliche*. Nesses casos, a estratégia tradutória foi empregar unidades lexicais menos efêmeras, evitando datar o texto-meta.

As marcas morfossintáticas de oralidade são as mais presentes no texto-fonte. O *futuro imperfecto* quase sempre foi recriado no texto-meta através do emprego do presente composto, mais comum na fala dos brasileiros do que o futuro do presente simples. Entretanto, o futuro do presente simples foi utilizado em alguns casos específicos justamente para acentuar o contraste entre as personagens orientais e ocidentais. Quando o presente aparece no texto-fonte para indicar ações que ocorrem no exato momento em que a personagem fala, foi utilizada na tradução o presente do verbo “estar” seguido de gerúndio.

Também foi empregado o sistema de pessoa-número e formas de tratamento para marcar a oralidade no texto-meta. Nesse sentido, a tradução optou pelo pronome pessoal “você” na maior parte do conto e por “senhor” nos trechos em que havia certa formalidade. O uso do pronome pessoal “tu” e do pronome oblíquo “te” também teve lugar na tradução, já que é comum a mistura entre “tu” e “você” no português falado no Brasil.

A fim de manter características morfossintáticas da oralidade, decidiu-se evitar os pronomes oblíquos átonos, exceto quando inevitável. Neste caso, a próclise foi utilizada em vez da ênclise. Em prol dessa escolha, o pronome reto passou a figurar como objeto de algumas orações, apesar de gramaticalmente incorreto.

Finalmente, manteve-se a repetição de palavras percebida no texto-fonte para aproximar o texto traduzido da oralidade, até porque essa repetição é uma marca da escrita de Arlt.

4. CONCLUSÕES

Os comentários de tradução – desenvolvidos ao longo da pesquisa e em vias de publicação – explicitam as escolhas que permearam o processo de reescrita, indicando que foi possível recriar o estilo artaliano dando ênfase a efeitos de oralidade que evidenciam a coloquialidade do conto.

Entretanto, essa recriação acentuou as diferenças de coloquialidade entre as personagens do conto no texto-meta quando este é comparado ao texto-fonte. Isso foi resultado da incorporação de particularidades da língua portuguesa falada no Brasil, visando a evitar uma artificialidade.

Como salienta Britto (2012), antes das obras teatrais de Nelson Rodrigues, os diálogos da literatura brasileira tendiam a ser artificiais. Essa tendência inclui o período de 1920 a 1942 (correspondente ao da produção literária de Arlt). Reproduzir essa artificialidade poderia ser um caminho, o que provavelmente não causaria estranhamento num leitor daquela época. Considerando, porém, que a tradução seria voltada para um público contemporâneo, o resultado de uma escolha dessas poderia ser ainda mais artificial. Por isso, as decisões tradutórias aproximam o texto-meta do registro falado do português brasileiro contemporâneo.

Tendo em consideração as fases da obra de Arlt, o projeto de tradução evitou regionalismos através do emprego de expressões orais usadas, em princípio, em



todo o território brasileiro. Enquanto as narrativas que têm Buenos Aires como cenário das histórias retratam personagens e expressões orais que faziam parte do universo do autor, *El criador de gorilas* parece retratar uma visão de mundo ocidentalizada, que se coloca como “universal”. Com isso, a linguagem de seus textos parece abandonar, em certa medida, características locais.

A forma como a característica do texto-fonte mencionada no parágrafo anterior foi recriada no texto-meta intensificou a presença de marcas morfossintáticas de oralidade. Isso foi compensado pela diminuição de marcas lexicais de oralidade, cuja presença no texto-fonte não é tão significativa. Quanto às marcas fonéticas de oralidade, foi possível manter um equilíbrio no texto-meta em comparação com o texto-fonte, reproduzindo-as na maior parte das ocorrências.

Através da recriação do estilo arltiano, espera-se que a tradução desse conto de um livro que até hoje não recebeu muita atenção no Brasil possa contribuir para um maior conhecimento dessa outra fase do trabalho do autor, na qual o cenário de suas narrativas ficcionais deixa de ser Buenos Aires e passa a ser territórios que lhe eram então desconhecidos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRITTO, P. H. **A tradução literária**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

GNUTZMANN, R. Los cuentos marroquíes de El criador de gorilas. **Fragmentos**, Florianópolis, n. 32, p. 91-99, jan./jun. 2007.

KULIKOWSKI, M. Z. M. Roberto Arlt: a experiência radical da escritura. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. **Revista USP**, São Paulo, n. 47, p. 105-128, set./nov. 2000.

LEFEVERE, A. **Tradução, reescrita e manipulação da fama literária**. Tradução de Claudia Matos Seligmann. Bauru: Edusp, 2007.

PINTO, F. B. Prólogo. In: ARLT, Roberto. Ódio de outra vida. **Cadernos de tradução**, Porto Alegre, n. 42, p. 127-135, 2018.

SWINBURN, Pedro Maino. El criador de gorilas de Roberto Arlt: La renuncia a la otredad. **Espéculo**, Revista de Estudios Literarios, Madrid, n. 39, 2008.

TORRES, M. C. Por que e como pesquisar tradução comentada? In: FREITAS, Luana Ferreira de; TORRES, Marie-Hélène Catherine; COSTA, Walter Carlos (Orgs.). **Literatura traduzida: Tradução comentada e comentários de tradução**. Fortaleza: Substância, 2017.

WILLIAMS, J.; CHESTERMAN, A. The Map. In: WILLIAMS, J.; CHESTERMAN, A. **A beginner's guide to doing research in translation studies**. Manchester: St Jerome Publishing, 2002.